

Urbano Bettencourt: O professor e o escritor

“A guerra” colonial “contaminou a minha escrita”

Professor aposentado, leccionou na Universidade dos Açores. Dedicou particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Tem colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.

Esta semana damos a conhecer um pouco da vida de Urbano Bettencourt, o Professor e o escritor, que também esteve na guerra do Ultramar.

Manuel Urbano Bettencourt Machado, de 67 anos de idade, nasceu na Freguesia da Piedade, no Concelho de Lajes do Pico em 1949.

No domínio do conto e da poesia publicou os seguintes livros: Raiz de mágoa (Setúbal, 1972); Ilhas (Lisboa, 1976, de parceria com J. H. Santos Barros); Marinheiro com residência fixa (Lisboa, 1980); Naufrágios Inscrições (Ponta Delgada, 1987); Algumas das Cidades (Angra do Heroísmo, 1995); Lugares sombras e afectos (Figueira da Foz, 2005 com desenhos de Seixas Peixoto); Santo Amaro Sobre o Mar (Arganil, 2005; com desenhos de Alberto Pêssimo); Antero (Arganil, 2006; com desenhos de Alberto Pêssimo); Que paisagem Apagarás (Ponta Delgada, 2010); África - frente e verso (Ponta Delgada, 2012); Outros nomes, outras guerras (Lajes do Pico, 2013).

Ainda sobre as obras que tem editado e quais as que versam a guerra colonial, o nosso interlocutor refere que “a guerra e os seus sinais estão já presentes no meu livrinho de 1972, publicado quando me encontrava muito perto de embarcar para o pântano guineense. Depois disso, foram-se disseminando pelos meus livros de um modo geral, nuns casos de forma directa e extensiva, noutros em moldes mais oblíquos e pontuais. Diria que a guerra contaminou a minha escrita, nem sempre por um propósito ou intenção deliberada, mas também como resultado de um impulso interior não susceptível de ser controlado racionalmente; a guerra, para quem passou por ela, é aquela espécie de ferida de que fala Herbert



Pagani, que se guarda no íntimo e em segredo, mas que continua a sangrar.

Em África - frente e verso reuni todos os textos sobre a guerra que eu tinha publicado até então, mas no livro seguinte incluí um novo poema sobre a guerra, sobre aquela memória angustiada que surge nos momentos mais inesperados e num local tão improvável como o Porto”.

Como poucos sabem que Urbano Bettencourt esteve na Guiné, instamo-lo a contar um pouco as suas vivências e em que zonas esteve. “Andei pelo centro, na região de Oio, entre Encheia e Bissorã; os primeiros sete meses na companhia formada em Évora, os restantes dezassete numa companhia de soldados guineenses, com quem aprendi muito, nos melhores e nos piores momentos. Mas, comparando-me com outros jovens da minha

idade que fizeram a comissão literalmente em buracos na zona de fronteira, acho que tive muita sorte. Mas disso não gosto muito de falar fora do contexto da escrita, onde se pode controlar as coisas, organizá-las e dar-lhes aquela distância que nos permite algum apaziguamento interior”.

A título de curiosidade refira-se que a guerra de independência na Guiné começou em 23 de Janeiro de 1963, com o início das acções de guerrilha na região de Tite. Quando a Guerra começou, em Janeiro desse ano, havia já quase dois anos que as forças portuguesas combatiam, com relativo sucesso, em Angola.

Mudando de assunto, e solicitado a explicar como consegue definir o limite que separa a ficção da realidade, Urbano Bettencourt rematou: “Não sei se é possível estabelecer uma zona de separação entre os dois campos. Se toda a escrita pode ser autobiográfica, também é certo que ela baralha, desloca e transfigura os dados da experiência pessoal e também aqui nem tudo o que parece é; há muitos factores exteriores à própria experiência que desencadeiam um texto, por associação de ideias, semelhança de situações, até mesmo a sugestão de um outro texto. Talvez o meu texto africano mais autobiográfico seja a narrativa intitulada «Noite», que é ao mesmo tempo aquele em que mais intervieram os procedimentos da ficção”.

No regresso aos Açores passou por um contexto novo como o de Agosto de 1974, vivenciando algumas dificuldades e ficou dois meses no Pico antes de rumar a Lisboa. “As dificuldades foram fundamentalmente as de quem precisava de trabalhar para subsistir, num contexto novo e instável como o de Agosto de 1974. Estive dois meses no Pico e em Outubro rumei a Lisboa. Eu tinha passado dois anos a apodrecer, sobrevivera

em boa parte graças aos livros e aos jornais que o meu amigo José Henrique Santos Barros me enviava, e precisava de ir ressuscitar num lado qualquer. Andei por Lisboa e Setúbal, trabalhei e estudei, comecei a leccionar e ao fim de dez anos regressiei aos Açores, a S. Miguel”.

Urbano Bettencourt completou o curso de Filosofia no Seminário de Angra e a Licenciatura em Filologia Românica, “uma espécie já extinta em Portugal”, na Faculdade de Letras de Lisboa. “Depois concluí o doutoramento na Universidade, no tempo em que lá fui professor. Leccionei também em escolas no sul do Tejo, em Ponta Delgada e na Lagoa. O que (mais) me custou foi constatar o progressivo desencanto interior e ter de desenvolver um esforço para vencê-lo no dia-a-dia. O sistema de ensino está hoje programado para um aviltamento dos docentes, para a sua transformação em burocratas ao serviço de modas educativas lançadas pelos sucessivos inquilinos do Ministério”.

A terminar, não poderíamos deixar passar a oportunidade de perguntar a Urbano Bettencourt o que faz nos seus tempos livres, quando não pode ir ao Pico. A resposta foi deveras interessante. “Há muito mais mundo para lá do Pico e dos Açores, felizmente. Eu gosto de música, de livros, tenho a minha vida familiar, gosto da escrita, gosto de cinema, agora reduzido ao visionamento doméstico, pois as salas em Ponta Delgada tornaram-se lugares infrequêntáveis, ao menos para quem pretende ver cinema. Agora tenho ido com mais frequência ao Pico, mas em S. Miguel há coisas a descobrir. E o Porto tornou-se um lugar dos meus, donde se pode partir para muitos outros lugares”.

